de aula. São Paulo: Ática, 1996.

DURKHEIM. E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE P. Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

GARCIA, Victor Ponchio; SANTOS, Renato dos. A importância da utilização da música na educação infantil. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Nº 169, 2012

GARDNER, H. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Tradução:

Sandra Costa. Porto Alegre, Artmed, 1995.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Papirus Educação). PENNA, Maura. Música na Escola: analisando a proposta dos PCN para o ensino fundamental. In: (coord.). É este o ensino de arte que queremos?: Uma análise das propostas dos parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. Disponível em: Acesso em: 15 05 2020.

MENDES, Adriana; CUNHA, Glória. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, Sueli. O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas: Papirus. São Paulo, 2001. p.79 –114.

SOARES, I.O. Comunicação e criatividade na escola. São Paulo: Paulinas, 1998.

STRALIOTTO, J. Cérebro & Música - Segredos desta relação. Blumenau: Odorizzi, 2001.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

WERNECK, H. Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo. 16 ed. Petrópolis:

Vozes, 1999.

A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS.

HUGO FERNANDO JARDIM MUNIZ DE SOUZA DA SILVA

RESUMO

Devido à grande revolução da tecnologia da informação na educação que vivenciamos e as transformações que o mundo vem sofrendo com a evolução da ciência e da tecnologia, constata-se que as escolas brasileiras não conseguiram acompanhar os avanços tecnológicos.

As pessoas comunicam-se com qualquer parte do mundo, numa rapidez como nunca ocorreu na história da humanidade, através da internet, correio eletrônico (e-mail), redes sociais, whatsapps e dos demais meios de comunicação. Esses meios permitem às pessoas, em um curto espaço de tempo, pesquisar, comercializar, fazer amizades virtuais, entre tantas outras formas de comunicação.

O sistema educacional atual ainda não esta suficientemente preparada para este novo cenário, visto que muitos ainda estão trabalhando com um formato muito rudimentar. Principalmente, no ensino fundamental e médio onde o professor reproduz a prática bancária na qual copiar e repassar o conteúdo de livros já prontos, sem acrescentar experiências novas e sem fazer ligações com a atividade diária e com o mundo ao seu redor. Como consequência, uma aula, muitas vezes, torna-se maçante e cansativa fazendo com que o aluno sinta-se desmotivado e não aproveite adequadamente o tempo que passa com o professor.

Palavras Chave: educação, internet, tecnologia educacional.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que no Brasil a questão da qualidade do ensino tem sido um importante item no debate universitário e que tem trazido à tona outros aspectos relevantes, entre os quais a estrutura curricular e as oportunidades de aprendizagem que serão oferecidas aos licenciados que lhes permitam atuar de forma produtiva no ensino básico. Além disso, os computadores têm ocupado cada vez mais espaço na sociedade atual atingindo também o setor da Educação. A escola não alheia ao fenômeno tem instalado computadores em seu ambiente, nem sempre acompanhados de uma proposta pedagógica para seu uso.

Essa nova situação exige uma mudança na formação do profissional da educação, qualificando-o para esse novo cenário. À preocupação com as mudanças que estão ocorrendo tem conduzido os educadores a uma reformulação dos Cursos de Licenciatura, tendo em vista adequá-los à nova realidade educacional, bem como à criação de Programas de Capacitação a fim de atingir os profissionais da educação já inseridos no mercado de trabalho [SANTOS 96].

Valente (1993: 16) esclarece que “na educação de forma geral, a informática tem sido utilizada tanto para ensinar sobre computação, o chamado computerliteracy, como para ensinar praticamente qualquer assunto por intermédio do computador”. Assim, diversas escolas têm introduzido em seu cur-

rículo escolar, o ensino da informática com o pretexto da modernidade. Cada vez mais escolas, principalmente as particulares, têm investido em salas de informática, onde geralmente os alunos frequentam uma vez por semana, acompanhados de um monitor ou na melhor hipótese, de um estagiário de um curso superior ligado à área, proficiente no ensino tecnicista de computação.

Deste modo, ao invés de aprender a utilizar este novo aparato tecnológico em prol de aprendizagem significativa e do acesso universal ao conhecimento, os alunos eram e ainda são "adestrados" no uso da mais nova tecnologia computacional, em aulas descontextualizadas, sem nenhum vínculo com as demais disciplinas e sem nenhuma concepção pedagógica.

Segundo Valente (1993: 01) "para a implantação dos recursos tecnológicos de forma eficaz na educação são necessários quatro ingredientes básicos: o computador, o software educativo, o professor capacitado para usar o computador como meio educacional e o aluno", sendo que nenhum se sobressai ao outro. O autor acentua que, "o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo e, portanto, o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador" (p.13).

A chegada da internet, TV, jornal e do rádio na escola vem proporcionar ao educador e educando, além de fontes de informação, a possibilidade de incorporar, produzir e disseminar novas descobertas e ações na construção do conhecimento na escola. Essas mídias integradas em sala de aula passam a exercer um papel importante no trabalho dos educadores, se tornando um novo desafio, que quando enfrentado, pode ou não potencializar os resultados a serem obtidos.

DESENVOLVIMENTO

Necessidade de Mudanças.

Segundo o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na parte na qual define o termo Educação.

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Não podemos esquecer que a escola de hoje é fruto da era industrial. Foi criada para preparar as pessoas para viver e trabalhar na sociedade que agora está sendo substituída por esta sociedade da informação. Para uma sociedade deste tipo exigem-se indivíduos, profissionais e cidadãos muito diferentes daqueles que eram necessários na era industrial. Desde modo, é de esperar que a escola, tenha que "se reinventar", se desejar sobreviver como instituição educacional.

"Hoje, o jovem cresce num mundo eletricamente estruturado. Não é um mundo de fragmentos, mas de configuração e estruturas. O estudante, hoje, vive miticamente e em profundidade. Na escola, no entanto, ele encontra uma situação organizada segundo a informação classificada. Os assuntos não são relacionados. Eles são visivelmente concebidos em termos de um projeto ou planta arquitetônica. O estudante não encontra meio possível de participar dele, nem consegue descobrir como a cena educacional se liga ao mundo mítico dos dados e experiências processados eletronicamente e que para ele constitui ponto pacífico. Como diz um executivo da IBM: "Quando entraram para o primeiro ano primário, minhas crianças já tinham vivido diversas existências, em comparação aos seus avós". (Mcluhan, p.1, 2007).

É preciso ser crítico, enxergar a utilizar a tecnologia na educação como um meio e não como fim, seu uso é necessário, mas não devem abrir mão de valores, de iniciativas e métodos que funcionam bem na escola, mas sim integrá-las e sentir até onde o uso das mesmas pode ajudar acrescentar melhor a qualidade da educação relação professor-aluno e ampliar seus conhecimentos.

Os meios de comunicação (informática, revistas, televisão, vídeo), têm atualmente maiores poder pedagógico visto que se utilizam da imagem (e também apresentam conteúdo com agilidade, etc). Esse desejo de ver propicia a evolução e o desenvolvimento. Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem.

Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizarse de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento.

Os softwares educacionais, computadores tutor e tutelado, televisão, jogo eletrônico e outros, entre tantos meios tecnológicos educacionais deve-se adotar-se, um meio termo entre não utilizar o computador para tudo impedindo que a criança se desenvolva, nem por outro lado, ficar totalmente cego ou à parte da tecnologia que vivenciamos.

É possível encontrar maneiras de retirar proveito do computador sem com que toda a tarefa de desenvolvimento e criação

da criança ou do jovem fique a cargo dele.

As ferramentas de comunicação das Tecnologias da Informação e Comunicação, e com a difusão da internet e dos portais de interação (chamados sites sociais) a comunicação tem criado outra face, mais atraente e interativa. A escola tem que implementar tais recursos na prática, trazendo para dentro da prática educacional esses recursos de interação e comunicação, diga-se de passagem – com potencialidades cognitivas – que servirá de facilitador no acompanhamento do professor a atividade realizada, tanto na comunicação, quanto na interação.

Segundo McConnel (1999), o sistema educacional pode não estar particularmente preocupado em promover a cooperação no processo de aprendizagem, mas, de alguma forma, os alunos trabalham juntos informalmente e compartilham sua aprendizagem, dependendo de um contexto específico. Eles cooperam porque percebem as vantagens de partilhar o que sabem e, intuitivamente, adotam uma visão social do processo de aprendizagem. Para tais o professor tem a disposição ferramentas síncronas e assíncronas como: blogs, salas de bate-papo, comunidades como o facebook, Tuiter Intagram, Tik Tok listas de discussões, wikispaces, compartilhadores de arquivos, sites de busca, entre outros.

A contribuição das tecnologias no processo de ensino aprendizagem, refletindo em como as tecnologias tem estimulado a criação de grupos de estudos e de pesquisas multidisciplinares, focalizando a interfaces entre as áreas da Educação e da Ciência da Informação no atual contexto de mudança, social e tecnológica. A aproximação dessas áreas pode representar um avanço na investigação sobre o papel da tecnologia na pratica docente. (Nazari e Forest, 2002).

Para Moran (2000, p. 36) a educação escolar precisa compreender mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressões e as possíveis manipulações. É importante educar para uso democrático, mais progressista e participativo das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

Diante desse contexto torna-se notório que tanto professor quanto o aluno precisam familiarizar com estes recursos uma visão mais ampla de seus conceitos e definições, para que sejam capazes de refletir, julgar e deliberar sobre o uso em ambiente escolar e/ou de aprendizagem, até porque as experiências que se presencia com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação-TICs na sala de aula, geralmente estão voltadas para o conhecimento técnico, não o crítico.

Dentre as várias formas do uso das Tecnologias da informação e Comunicação–TICs no ensino aprendizagem cabe ao professor analisar e planejar qual é o melhor método a ser a dotado para trabalhar na sua disciplina para que os objetivos sejam atingidos e a prática pedagógica renovada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, o papel do professor está mudando, seu maior desafio é reaprender a aprender. Compreender que não é mais a única fonte de informação, o transmissor do conhecimento, aquele que ensina, mas aquele que faz aprender, tornando-se um mediador entre o conhecimento e a realidade, um especialista no processo de aprendizagem, em prol de uma educação que priorize não apenas o domínio dos conteúdos, mas o desenvolvimento de habilidades, competências, inteligências, atitudes e valores.

É papel de a escola democratizar o acesso ao computador, promovendo a inclusão sócio-digital de nossos alunos. É preciso também que os dirigentes discutam e compreendam as possibilidades pedagógicas deste valioso recurso. Contudo, é preciso estar conscientes de que não é somente a introdução da tecnologia em sala de aula, que trará mudanças na aprendizagem dos alunos, o computador não é uma “panacéia” para todos os problemas educacionais.

O professor de hoje tem que ter a mão todas as ferramentas disponíveis para atrair e prender a atenção dos alunos. Com a popularização da tecnologia, a leitura de mundo mudou, está cada vez mais cheio de sons, imagens e interação; o professor dificilmente conseguirá ensinar um conteúdo sem o auxilio dessas ferramentas, ou seja, sem, antes, prender a atenção do aluno. Instigar a curiosidade do aluno não é tarefa fácil.

Cabe ao professor promover a aprendizagem do aluno para que este possa construir o conhecimento dentro de um ambiente que o desafie e o motive para a exploração, a reflexão, a depuração de ideias e a descoberta. (Almeida, 2000)

O professor será mais importante do que nunca, pois ele precisa se apropriar dessa tecnologia e introduzi-la na sala de aula, no seu dia-a-dia, da mesma forma que um professor, que um dia, introduziu o primeiro livro numa escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento – sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado. Continuaremos a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão, mas agora também pelo computador, pela informação em tempo real, pela tela em camadas, em janelas que vão se aprofundando às nossas vistas. (Gouvêa, 2001)

Não podemos mais ficar de "braços cruzados" assistindo mudanças acontecerem